



DOR E RESISTÊNCIA: o vazio em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo¹

Roberta Lantyer²

Riografias

*“Há como se (a)mar a pele qualquer,
há como se perder nos seixos
quebrar eixos, (a)mar uma gota triste
como quem derivasse num oceano.
Há que pense (ar)mar, nas nuvens
algum castelo triste.
Há.*

*Mas o Rio, prenhe e negruras,
ainda perfuma a noite, a juba, o silêncio
das correntezas.
O Rio, inolvidável, deixa até nas pedras
o seu rastro”
(Lívia Natália)*

Começo com uma pergunta: o que me fez querer pesquisar sobre o vazio em Ponciá Vicêncio? O que leva um mulher branca de classe média a querer falar da experiência de uma mulher negra pobre? Eu posso falar sobre esse corpo que não é meu e que sempre foi silenciado por falas de pessoas brancas como eu?

A vontade de falar sobre Ponciá vem de um afeto. Um afeto que não sei nomear, mas que atravessa meu corpo quando leio a literatura de mulheres negras. É um afeto que me potencializa; que me move; que me empodera. Segundo Djamila Ribeiro, o empoderamento não pode ser autocentrado ou, simplesmente, transferência de poder, quando “uma mulher se empodera, tem condições de empoderar outras” (RIBEIRO, 2018, p. 136). Conceição Evaristo empodera outras mulheres ao utilizar o poder das palavras e escrever Ponciá Vicêncio. Ainda segundo Djamila Ribeiro:

Empoderamento implica uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços decisões, de consciência social dos direitos. Essa consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação da realidade na qual se encontra. É uma nova

¹ Trabalho apresentado em 29 de outubro de 2019, na Sessão Coordenada SC6 - As literaturas das minorias: vozes que resistem durante o IV SEPLEV (Seminário de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual), realizado na Universidade Federal Fluminense entre os dias 29 de outubro e 01 de novembro de 2018.

² Mestranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

concepção de poder que produz resultados democráticos e coletivos. (RIBEIRO, 2018, p. 136)

Esse afeto agenciador causado pela leitura de Ponciá Vicêncio me empoderou a falar. Não posso, simplesmente, silenciar esse afeto. É preciso colocá-lo para fora e, quem sabe, pensando em resultados democráticos e coletivos, ajudar o empoderamento de outras mulheres. Contudo, para que meu empoderamento possa, de fato, conquistar resultados democráticos e coletivos é preciso assumir uma postura ética, expondo o meu lugar de fala de quem experiencia um sexismo diferente daquele experienciado pelas mulheres representadas por Ponciá Vicêncio. Trata-se de um sexismo diferente, pois não é experienciado a partir do racismo. Jamais passarei pela experiência violenta do racismo. Eu jamais poderei representar mulheres negras, nem é minha pretensão tentar fazê-lo. Parto da certeza que o fato de ser branca, em uma sociedade racista, me faz ter privilégios. Assim como sei que ser mulher, em uma sociedade machista, me faz sofrer opressões.

Sei também que as mulheres negras não precisam de mulheres brancas como eu para falar sobre as opressões que sofrem, elas sempre falaram por si, apesar das tentativas de silenciamentos. Elas falam “pelos orifícios da máscara”, como afirma Conceição Evaristo, em entrevista dada a Djamila Ribeiro publicada pela revista Carta Capital:

Aquela imagem de escrava Anastácia (aponta pra ela), eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a máscara. (EVARISTO, 2017)

Interessa-me pensar essa potência que estilhaça máscaras. Djamila Ribeiro, citando Patrícia Hill Collins, fala sobre a importância de perceber como “o ‘não-lugar’ da mulher negra pode ser doloroso mas também potente”. Ela fala da “força da falta como mola propulsora de construção de pontes” (RIBEIRO, 2018, p. 23). Assim, como mulher branca, não detenho essa potência da qual fala Evaristo e Ribeiro. Sei das limitações impostas pelo meu corpo de mulher branca, que interpreta o corpo de uma mulher negra como Ponciá Vicêncio. Portanto, chamarei à discussão mulheres negras que me ajudarão a tentar entender o vazio (uma sensação recorrente de “aparta-se de si mesma” ou de “fender-se”) em Ponciá Vicêncio sem, contudo, chegar a uma verdade sobre ele. Djamila Ribeiro foi essencial para me fazer pensar

sobre meus lugares de fala e sobre as possibilidades de minha pesquisa. Nada mais justo que repasse a vocês o convite feito por ela em seu livro “Quem tem medo do feminismo negro”:

É imprescindível que se leia autoras negras, respeitando suas produções de conhecimento e se permitindo pensar o mundo por outras lentes e geografias da razão. É um convite para um mundo no qual diferenças não signifiquem desigualdades. Um mundo onde existam outras possibilidades de existência que não sejam marcadas pela violência do silenciamento e da negação. Queremos coexistir, de modo a construir novas bases sociais. No fim, nossa busca é pelo alargamento do conceito de humanidade. Ao perder o medo do feminismo negro, pessoas privilegiadas perceberão que nossa luta é essencial e urgente, pois enquanto nós, mulheres negras, seguirmos sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo. (RIBEIRO, 2018, p. 27)

Eu aceitei o convite de Ribeiro e, lendo mulheres negras como Conceição Evaristo, Angela Davis, bell hooks, Isabel Reis, Neuza Santos, Virgínia Bicudo e tantas outras, quero pensar o mundo por outras lentes, a fim de possibilitar que máscaras de silêncio se estilhacem cada vez mais. Quero coexistir com essas mulheres em meu texto, potencializando a construção de novas bases sociais onde o conceito de humanidade seja alargado, onde as diferenças não impliquem em desigualdade.

Minha pesquisa parte então de uma angústia (talvez seja esse o nome do afeto, o qual não soube nomear anteriormente) gerada pela leitura de Ponciá Vicêncio. Essa angústia fez com que eu me fizesse as seguintes perguntas: Quais as possíveis “nascentes” e significações do vazio em Ponciá Vicêncio? Esse vazio que é dor, sofrimento, pode ser lido também como resistência? Ao fim da narrativa, Ponciá retorna à Vila Vicêncio e sendo “elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio” (EVARISTO, 2003. p. 128). O que diz acerca do destino de Ponciá esse paradoxo entre a imagem segura daquilo de se guarda, que não se perde, e a fluidez do rio?

1 PENSANDO AS “NASCENTES” DO VAZIO DE PONCIÁ VICÊNCIO...

Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que havia acontecido? Quanto tempo tinha ficado naquele estado? Tentou lembrar os fatos e não sabia como tudo se dera. Sabia apenas que, de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo com o qual ela se confundia. Mas continuava, entretanto, consciente de tudo ao redor. Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio, quando o vazio ameaçava a encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava,

desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu. (EVARISTO, 2003, p. 45)

Conceição Evaristo descreve o vazio de Ponciá como uma sensação de fender-se. Na geografia, um continente que se fende, dá origem a um oceano³. A fenda, que antes era matéria-pedra, torna-se matéria-água. Formada uma rachadura, o corpo líquido do mar vai se enfiando nas brechas até preencher todo o espaço e vir a ser puro oceano.

O início do processo de fender-se causa confusão a Ponciá, medo, angústia, atordoamento. Mais adiante, a ausência será o espaço de abrigo e, ao mesmo tempo, desconhecimento do eu. Ponciá estará, protegida e alheia. Estará dentro e fora de si. Mas voltemos ao princípio! Começamos pelo processo de criação do continente, para que possamos falar em fenda, brecha, vazio. Como se dá o processo de formação desse eu de Ponciá?

Para entender as “nascentes” do vazio, será preciso pensar sobre o *tornar-se* de Ponciá. Esse *tornar-se* ao qual ao qual me refiro, não pretende prender o sujeito numa identidade absoluta e final; não pretende estabelecer uma narrativa linear. Ao contrário, trata-se de tomar a identidade no sentido dado por Hall (1996) ao falar sobre o conceito de “identidade cultural”; como uma questão de “ser”, mas também de “se tornar, ou devir” (HALL, 1996, p. 69). *Tornar-se*, portanto, toma o sentido de *devir*, ou seja, a constituição do sujeito (ou da identidade) aqui será pensada como aquilo que é “sempre inacabado, sempre em via de fazer-se” (DELEUZE, 1997, p. 11). O *tornar-se* é como estar nas águas misteriosas e correntes dos rios. É como traçar “*Riografias*”⁴ (NATÁLIA, 2017, p. 45) e ser mar.

Escrever “riografias” identitárias, é como assumir “posições-de-sujeito” (HALL, 1995, apud, HALL, 2014, p. 112). Nesse sentido Hall afirma que “identidade” é um conceito que opera “sob rasura”, não sendo possível ser pensado como antes (ou seja, como algo conciso e estanque), mas que não pode ser simplesmente abandonado já que

³ Segundo estudos, uma fenda aberta na região do Deserto de Afar, na Etiópia, em 2005, pode vir a ser um oceano. Fonte: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2005/12/051209_newseafn.shtml

⁴ “Riografias” é um poema de Livia Natália, publicado em 2015, e citado na epígrafe deste texto.

“certas questões-chave não podem ser sequer pensadas” (HALL, 2014, p. 104) sem ele. Por isso a utilização de ideias como “posições-de-sujeito”, ou identificação, ou ainda “riografias” identitárias. Todas essas noções servem para se pensar os processos de constituir-se sujeito a partir da expansão do sentido de identidade. Ou seja, em todas elas o conceito de identidade é rasurado e pensado como aquilo que não está fixo, como inacabado, como “devir” - em eterno movimento. Contudo, escolho pensar esse tornar-se de Ponciá a partir da noção de “riografias identitárias”.

A palavra “riografias” é título do poema de Lívia Nátalia (2017) e, aqui, toma o sentido de uma “escritura” que se faz a partir do movimento próprio dos rios. Ponciá constitui-se enquanto sujeito a partir do perfume das “negruras” dos seus antepassados. O rio cantado no poema é “inolvidável”, assim como a herança de Vô Vicêncio e as memórias de sofrimento dos antepassados de Ponciá, que deixam “rastros” no sujeito. Por outro lado, Ponciá “perde-se nos seixos” de suas próprias dores. A narrativa do livro, por sua vez, tece também caminhos fluviais e “quebra eixos”, rasura linearidades. Além disso, no romance de Conceição Evaristo, o rio, enquanto materialidade, tem papel fundamental na constituição do sujeito de Ponciá Vicêncio, ele está presente ao longo de toda narrativa. Desde a primeira página do livro, quando somos apresentados à menina Ponciá que ia buscar barro e ficava horas na beira do rio esperando o arco-íris desaparecer por ter medo de virar menino se passasse por debaixo dele. Até o fim da história contada no romance de Conceição Evaristo, quando Ponciá reencontra sua família e as águas do rio. Como pensa a mãe de Ponciá – Maria Vicêncio – o rio é mãe: “O tempo indo e vindo. E neste ir e vir, Ponciá Vicêncio voltava para ela. Para ela, não! A menina nunca tinha sido dela. Voltava para o rio, para as águas-mãe”. (EVARISTO, 2003, p. 124). Em sua infância o rio é também espelho, (utilizado na brincadeira de sonhar da menina; tentativa de auto-(re)conhecimento). Portanto, entendo que a noção de “riografias identitárias” potencializa a análise da constituição do sujeito de Ponciá, colocando-a em eterno movimento; em devir-rio.

A escolha de tal aparato teórico-poético é também “uma tentativa de desalienação em prol da liberdade” (FANON, 2008, p. 191). Aqui estamos propondo desalienação do colonizado na via intelectual, ou seja, trata-se de uma tentativa de superação dos

pressupostos teóricos baseados em uma razão europeia. Nesse sentido, a poesia, pensada como conhecimento, vincula-se ao pensamento de Seghnor (1964), citado por Mance (2015): “A arte é compreendida por ele como uma forma de conhecimento que possibilita uma especial abordagem da realidade pela via da emoção e do conhecimento intuitivo” (MANCE, 2015, p. 44/45). A poesia é aqui utilizada, portanto, por superar a “fragmentação analítica da razão” (MANCE, 2015, p. 45).

Falei aqui em *constituição do sujeito (ou da identidade)* e não quero dizer que os conceitos são iguais, mas que há uma íntima relação entre eles. O que quero dizer, é que aqui estou tentando refletir sobre como Ponciá Vicêncio devém mulher negra na narrativa do romance de Conceição Evaristo. Em termos de subjetividade, como se dá esse processo (consciente e inconsciente) de entender “quem ela é”? Em termos de discurso, como ela é “convocada” a assumir (e submeter-se a) certas “posições-de-sujeito” e quais as posições nas quais ela investe?

Portanto, como sugerido por Hall, iremos discutir o processo de *tornar-se* de Ponciá a partir do reconhecimento da “impossibilidade” e necessidade de uma identidade, e da importância tanto do psíquico e quanto do discursivo em sua constituição” (HALL, 2014, p. 180).

Dessa forma, a psicanálise será importante em minha pesquisa. Será preciso pensar para além de Freud, já que ele não alcança a subjetividade de mulheres negras. Portanto, farei costuras psicanalíticas principalmente a partir das ideias tecidas por Isildinha Nogueira, no texto “Cor e inconsciente”; Neuza Santos, em “Tornar-se negro”, Virgínia Bicudo, em “Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo”, entre outras⁵.

Lembrando de Hall quando diz ser importante pensar as questões psíquicas e sociais para entender os processos de *tornar-se* dos sujeitos; lembrando ainda que Isildinha Nogueira (2017) afirma ser preciso pensar para além da singularidade, já

⁵ Cito aqui as principais obras da área da psicanálise que serão importantes às questões discutidas na minha dissertação de mestrado, porém, neste breve texto, nem atendo mais à pesquisa feita por Neuza Santos (1983).

que a herança cultural tem importante papel na estruturação do sujeito; seguirei fluxos psicanalíticos, mas também culturais e pós-coloniais, navegarei ao longo de minha pesquisa buscando chegar onde o rio não passou, na curva de onde ele desviou. Navego buscando refletir sobre a constituição do sujeito e tecer possibilidades de significações para o sofrimento psíquico do corpo da mulher negra a partir da leitura de Ponciá Vicêncio.

Algumas imagens são importantes para pensar os caminhos da sensação de vazio em Ponciá: as violências sofridas por ela, por parte do marido; a maternidade e os “sete filhos nascidos mortos”; a herança de Vô Vicêncio, e a importância dos antepassados na constituição de sujeito de Ponciá; além do seu retorno ao rio. Lembro que essas imagens serão vistas a partir da dor e da resistência. Neste texto não será possível abordar todas elas, mas trarei alguns apontamentos que podem satisfazer em parte a curiosidade do leitor quanto à pesquisa em andamento.

2 UM ÚTERO FÉRTIL E VAZIO

“[...]”
Tudo vão:
Meu útero apenas ganhou guelras
e respira submerso.⁶
Lívia Natália (2015)

Um dos aspectos mais importantes para se pensar a dor e a resistência na obra, é a maternidade. A maternidade biológica de Ponciá Vicêncio não tem continuidade; seus sete filhos não vingam. As mortes dos sete filhos de Ponciá podem ser fruto da saúde precária destinada às mulheres negras e pobres e, inegavelmente, geram dor e sofrimento à personagem que, identificando-se com a mãe (Maria Vicêncio), sonhara um dia em ter uma família igual à dela: “Era tão bom ser mulher! Um dia também teria um homem que, mesmo brigando, haveria de fazer tudo que ela quisesse e teria filhos também” (EVARISTO, 2003, p. 27). Ponciá tivera os filhos que tanto sonhara! Sete deles! Mortos! Seu útero por sete vezes gerou bebês-sonhos que, em todas elas, não vingaram. Seu útero após sete vezes prenhe de futuro, torna-se vazio. Os sonhos de Ponciá, entre eles o de ser mãe, vão se desfazendo – o que faz aumentar seu sofrimento psíquico: “Ponciá havia tecido uma rede de

⁶ Trecho do poema “Anatomia” de Lívia Natália, publicado no livro “Correntezas e outros estudos marinhos”, em 2015.

sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio” (EVARISTO, 2003, p. 26).

Conceição Evaristo não nos dá uma justificativa médica plausível para a morte dos filhos de Ponciá. Na narrativa, o leitor é informado que, segundo os médicos, os filhos da personagem “morriam por causa de uma complicação no sangue” (EVARISTO, 2003, p. 53). Como dissemos, isso nos remete à precária saúde pública destina às mulheres negras, já que a palavra “complicação” não é um diagnóstico aceitável. Por outro lado, entendo que as mortes dos filhos ainda muito pequenos, também podem ser lidas como um ato de vontade inconsciente da mulher ou do seu sangue misturados ao dos seus antepassados:

Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava-se de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos. [...] Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar de miséria, e com o coração a sobrar esperança. Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para a casa das patroas. Umas sobras de roupa e de alimento para compensar um salário que não bastava. Um homem sisudo, cansado, mais do que ela talvez, e desesperançado de outra forma de vida. Foi bom os filhos terem morrido. (EVARISTO, 2003, p. 82)

Ponciá Vicêncio não queria que seus filhos sofressem com a vida escrava que ainda permanecia. Ela não tinha nem vontade, nem esperança de que seus filhos sobrevivessem. Caso seus filhos vingassem, viveriam com as mesmas dificuldades que ela e os seus tiveram, e ela viveria com o medo constante de ter um filho assassinado. Esse é o medo de muitas mães, já que há cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, segundo o Mapa da Violência de 2016⁷. Ora, por causa de uma “complicação no sangue” que os médicos não sabem identificar, os filhos de Ponciá não entrariam nessa estatística. Conforme afirma Ana Ximenes:

A impossibilidade de concretude biológica do materno na vida de Ponciá demonstra também uma negação desta maternidade, inconscientemente, pela protagonista. Há uma noção de continuidade parental e ancestral interligada ao sofrimento afro-descendente de sua família e de seu povo que parece ser rejeitada. (OLIVEIRA, 2015, p. 82/83)

⁷ Fonte da informação em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>. Dados disponíveis em <http://www.mapadaviolencia.org.br/>.

Ainda segundo Oliveira, o destino de opressão não terá continuidade nos filhos de Ponciá, mas a continuidade das memórias do seu povo não será comprometida, nesse sentido o destino da população negra tem uma nova chave de interpretação a partir da herança simbólica de Vô Vivêncio: “É a partir da arte, da criação com o barro e do encontro com os seus que seu materno se faz presente, transgredindo a noção limitadora da fecundidade feminina posta pelo patriarcalismo” (OLIVEIRA, p. 83). A fertilidade da personagem é caracterizada principalmente através da criação de sua arte com o barro. Nesse sentido, importante lembrarmos que a simbologia do barro está ligada à gênese da humanidade na bíblia, como aponta Vânia Vasconcelos (2015). Ainda segundo a autora, na mitologia iorubá, o barro é o elemento de Nanã Buruquê, um dos mitos maternais dos iorubas (VASCONCELOS, 2015, p. 207).

Ponciá não pare filhos, nega inconscientemente um futuro de sofrimento aos seus descendentes. Sofre com o vazio dos sonhos e do útero, assim como o eu-poético do poema “Anatomia” de Livia Natália, citado na epígrafe: “[...] Desconsolada, / engoli naufrágios inteiros / com pescadores e navios/ e meus sonhos ganharam pele de peixe. // (Ando com esta barriga murcha, / recolhida no labirinto das entranhas). [...]” (NATÁLIA, 2015, p. 67). Apesar da dor, Ponciá continua fértil, e o demonstra na criação do “homem de barro”. Trata-se de uma fertilidade para além da maternidade biológica, uma fertilidade como a cantada no poema “Eu-mulher”, de Conceição Evaristo: “Antes – agora – o que há de vir. / Eu fêmea-matriz / Eu força-motriz. / Eu-mulher / abrigo da semente / moto-contínuo / do mundo.” (EVARISTO, 2017, p. 23).

3 ÁGUAS ANTERIORES: VÔ VICÊNCIO E A HERANÇA ANCESTRAL

Falamos aqui da importância da simbologia do barro. Assim, a herança de Vô Vicêncio e a “parecença” de Ponciá com ele, é outra imagem narrativa importante para se pensar nos caminhos dessa sensação de vazio da personagem, assim como suas possíveis significações.

Ponciá, ainda criança de colo quando da morte do avô, se lembrava com nitidez da cena do velório, e se lembrava, também, de ter escutado que seu avô deixara uma

herança para ela. A mãe de Ponciá se surpreende com a “parecença” da menina com o avô, já que assim que começa a andar apresenta os mesmos gestos dele:

Andava com um dos braços escondido às costas e tinha a mãozinha fechada com se fosse cotó. Fazia quase um ano que Vô Vicêncio tinha morrido. Todos deram de perguntar por que ela andava assim. Quando o avô morreu, a menina era tão pequena! Como agora imitava o avô? Todos se assustavam. A mãe e a madrinha benziam-se quando olhavam para Ponciá Vicêncio. (EVARISTO, 2003, p. 16)

Vô Vicêncio é um ponto de identificação de um passado em comum. Corpo-memória re-apresentado por Ponciá. Posteriormente, será corpo-barro novamente re-encenado pela personagem quando ela o molda com o material retirado do rio. Com o barro, símbolo da criação, recria seu avô e, conseqüentemente, rememora sua história (que é também coletiva). Não se trata de um retorno à origem, mas de uma apropriação da herança deixada por Vô Vicêncio. Uma apropriação que é fluida e “inapropriável”, como aquela pensada por Derrida:

[...] é preciso fazer de tudo para se apropriar de um passado que sabemos no fundo permanecer inapropriável, quer se trate aliás de uma memória filosófica, da precedência de uma língua, de uma cultura ou da filiação em geral. Reafirmar, o que significa isso? Não apenas aceitar essa herança, mas relança-la de outra maneira e mantê-la viva. Não escolhê-la (pois o que caracteriza a herança é primeiramente que não é escolhida, sendo ela o que nos elege violentamente), mas escolher preservá-la viva. (DERRIDA, 2004, p. 14)

Por outro lado, podemos pensar nessa herança, de que fala Derrida, através da ideia de tradição na sociedade africana, conforme pensado por Eduardo Oliveira:

A preservação da memória dos antepassados não é causa de estagnação para os africanos; ao contrário, são essas as causas para o dinamismo característico de sua cultura, uma vez que a atualização deve estar sempre assentada na sabedoria dos ancestrais. Os ancestrais, no entanto, não são os atores do mundo atual. Os protagonistas do tempo vivido são seus descendentes que, ouvindo-os, respeitando e cultuando-os, devem abrir caminhos para novos tempos. A tradição, neste caso, é o fundamento da atualização e da novidade. (OLIVEIRA, 2005, p. 24)

Portanto, a herança de Vô Vicêncio é uma herança ancestral, já que se trata da preservação da memória dos antepassados sem estagnação no passado, o ato de reafirmar explicitado por Derrida. Ponciá mantém a memória de Vô Vicêncio viva através dos gestos e atualiza-o através da confecção do “homem-barro”:

Ponciá Vicêncio também sabia trabalhar muito bem o barro. Um dia ela fez um homem baixinho, curvado, magrinho, graveto e com o bracinho para trás. A mãe pegou o trabalho e teve vontade de espatifa-lo, mas se conteve, como também conteve o grito. Passados uns dias, o pai veio da terra dos brancos trazendo os mantimentos. A mãe andava com o coração aflito e indagador. O que havia com aquela menina? Primeiro andou de repente e

com todo o jeito do avô... Agora havia feito aquele homenzinho de barro, tão igual ao velho. Ela havia enrolado o trabalho guardando-o no fundo do caixote. E mesmo assim, parecia que lá dentro saía ora lamentos, ora chorgargalhadas. O que fazer com a criação da filha? O que fazer como o Vô Vicêncio da filha? Sim, era ele. Igualzinho! Como a menina se lembrava dele? Ela era tão pequena, tão de colo ainda quando o homem fez a passagem. Como, então, Ponciá Vicêncio havia guardado todo o jeito dele na memória? (EVARISTO, 2003, p. 21-22)

Ponciá mantém viva a memória de Vô Vicêncio, que teve uma história de opressão e dor (fora escravo e vira seus filhos serem vendidos em plena Lei do Ventre Livre); mas era também uma história de resistência, afinal o ato de “coragem-covardia” (EVARISTO, 2003, p. 83) de tentar assassinar sua família e suicidar-se foi um ato de desespero de quem “não queria ser escravo”, afinal, “se não podia viver, era melhor morrer de vez” (EVARISTO, 2003, p. 72). Tal ato, na época da escravidão, não era um ato isolado, conforme no explica Isabel Reis:

A rebeldia, o descontentamento do escravizado diante da impossibilidade de cultivar suas relações familiares ou de parentesco, ou de preservar relacionamentos afetivos, manifestaram-se em circunstâncias as mais variadas, a exemplo das fugas em família ou busca de parentes, dos crimes cometidos contra os que abusavam de familiares de cativos, dos suicídios de mulheres escravizadas precedidos do infanticídio contra seus filhos, além de um comportamento cotidiano rebelde em função da pressão senhorial sobre a parentela escrava. (REIS, 2007, p. 50)

A impossibilidade de cultivar as relações familiares e o sofrimento da separação fez como que Vô Vicêncio se rebelasse através de um ato de desespero. Ora, Ponciá rememora esse passado, mantém a herança viva, mas não a repete, ao contrário, ele é essencial para que a personagem decida tomar outros rumos, sair da Vila Vicêncio e seguir para a cidade grande, ela “acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova” (EVARISTO, 2003, p. 33). Apesar disso, após a saída do povoado, o mal-estar psíquico de Ponciá caracterizado pela sensação de vazio vai aumentando devido à manutenção de uma vida de sofrimento e dificuldades, somada à falta do afeto de seus familiares.

Contudo, a narrativa nos mostra que o destino de Ponciá não é de estagnação, ao contrário, a busca ancestral continuaria nas águas do rio, ao fim da narrativa. Afinal, conforme pensado por Luandi (irmão de Ponciá):

Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino. (EVARISTO, 2003, p. 126)

Ponciá preserva a herança ancestral e a atualiza, permitindo a “criação de um outro destino”. Acerca da importância de preservar a herança viva, Achille Mbembe defende o esforço da população negra em fundar um *arquivo* – necessário ao gesto de autodeterminação da população negra, de uma escrita do negro sobre si⁸, rasurando o que sempre foi dito a partir da fala do homem branco ocidental:

Acreditamos que a instauração de um arquivo é indispensável para restituir os negros à sua história, mas é uma tarefa extraordinariamente complicada. Com efeito, nem tudo o que os negros viveram como história necessariamente deixou vestígios; e, nos lugares onde foram produzidos, nem todos foram preservados. Assim, como é que, na ausência de vestígios, de fontes dos fatos historiográficos, se escreve a História? Rapidamente se tem a impressão de que a escrita da história dos negros só pode ser feita com base em fragmentos, mobilizados para dar conta de uma experiência em si mesma fragmentada, a de um povo em pontilhado, lutando para se definir não como um compositório disparatado, mas como uma comunidade cujas manchas de sangue são visíveis por toda a superfície da modernidade. (MBEMBE, 2018, p. 63)

Essa escrita em fragmentos é feita através da literatura, da religiosidade, da política, da história. Conforme apontado por Achille Mbembe a escrita em fragmentos se justifica pela ausência de vestígios (lembramos aqui da ordem de queima dos vestígios da escravidão por Ruy Barbosa em 1890). É o que faz Conceição Evaristo no romance Ponciá Vicêncio, rememorando sofrimentos e lutas do povo negro e nos mostrando, a partir da herança de Vô Vicêncio reavivada no corpo de Ponciá, a importância das memórias ancestrais do povo negro.

Diante da importância da ancestralidade no vir a ser de Ponciá, em seu tecer de “riografias identitárias”, podemos dizer que Ponciá resiste ao Ideal de Ego branco caracterizado por Neuza Souza (1983). Segundo a psicanalista, diante da força do *mito negro* - ou seja, do discurso sobre o negro construído para produzir o ilusório, negar a história e a partir do qual “o irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico” (SOUZA, 1983, p. 28) são imagens representativas do negro – este corpo-sujeito toma o branco como ideal. Nas palavras da autora: “[...] o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de ‘tornar-se gente’” (SOUZA, 1983, p. 18). O Ideal do Ego é o modelo a partir do qual o indivíduo se constitui, é a “instância que estrutura o sujeito psíquico, vinculando-o à

⁸ Achille Mbembe chama essa escrita do negro sobre si de “segunda escrita” da *razão negra* ou “*consciência negra do negro*”. A primeira escrita seria a escrita feita pelo colonizador branco sobre o negro e que teria criado o *sujeito racial*. (MBEMBE, 2018, 61-65)

Lei e à Ordem” (SOUZA, 1983, p. 33). Ainda segundo Souza (1983) a “condição de cura” para a “ferida narcísica” engendrada por tal modelo impossível de ser alcançado é a construção de um novo Ideal de Ego. Ela defende que tal construção se faz a partir, principalmente, da militância política. Entendo que, em Ponciá Vicêncio, essa condição de cura mostra-se a partir da identificação com Vô Vicêncio e com a memória dos seus antepassados.

Conforme nos mostra Achille Mbembe esse movimento é importante para toda população negra. Nesse sentido, a evocação da diferença – e de uma memória em comum - deve ser feita não como ressentimento, mas como autodeterminação; sem se apegar cegamente à diferença já que existe “um paradigma negativo da diferença, na medida em que se abre caminho às forças da desumanização” (MBEMBE, 2018, p. 169). Citando Eboussi Boulaga sobre a ideia de “tradição”⁹, Achille Mbembe defende uma “memória vigilante” que “se impõe para se livrar da repetição da alienação da escravatura e da colonização”. Trata-se, segundo o autor, de desconstruir a própria ideia de “tradição”, “revelando seu caráter inventado”. Sendo assim, Mbembe conclui que “só é possível problematizar a identidade negra enquanto identidade em devir” e que “Há uma identidade em devir que se alimenta ao mesmo tempo das diferenças entre negros, sejam étnicas, geográficas ou linguísticas, e das tradições herdadas do encontro com *Todo-Mundo*” (MBEMBE, 2018, p. 170, grifo do autor).

4 O DEVIR-RIO DE PONCIÁ

Entendo que o romance de Conceição Evaristo nos mostra essa identidade em devir de Ponciá Vicêncio a partir da importância da tradição/herança de Vô Vicêncio e, ao mesmo tempo, a partir das suas próprias escolhas, caminhos, dores e culminaram no que aqui chamaremos de devir-rio. As sensações de vazio de Ponciá suspendem o tempo cronológico já que, ao retornar a si ela não sabia por quanto tempo ficara naquele estado de ausência. Contudo, sua ausência lhe permite perceber os movimentos alheios, e a faz se perder no recordar, o tempo do vazio é, portanto, o

⁹ Em nota Achille Mbembe nos indica que as reflexões tiveram inspiração de Fabien Eboussi Boulaga sobre a “tradição” e orienta “ver *La Crise du Muntu*, op. Cit., p. 152-172”.

tempo da rememoração. São essas sensações, que se tornam mais frequentes, que a levam ao estado de “devir-rio”.

As sensações de vazio de Ponciá são fruto das perdas e dores da personagem e dos seus. Dada a relação de Ponciá com a ancestralidade, conforme defendido nesse texto, podemos assemelhar as sensações de vazio da personagem com a ideia de “banzo”. Segundo Gilberto Freyre:

Mas não foi toda de alegria a vida dos negros, escravos dos ioiôs e das iaiás brancas. Houve os que se suicidaram comendo terra, enforcando-se com ervas e potagens dos mandingueiros. O banzo deu cabo de muitos. O banzo – a saudade da África. Houve os que de tão banzeiros ficaram lesos, idiotas. Não morreram: mas ficaram penando. E sem achar gosto na vida normal – entregando-se a excessos, abusando da aguardente, da maconha, masturbando-se. (FREYRE, 2003, p. 552-553)

Aqui, devemos pontuar que o texto de Freyre reduz o significado de “banzo” à saudade de África e sugere, tendenciosamente, que a atrocidade humanitária da escravidão trouxe às pessoas trazidas forçosamente do continente africano, mais alegrias que tristezas. Apesar disso, interessa-nos o registro histórico feito por Freyre de que o sofrimento psíquico chamado de “banzo”, “deu cabo de muitos”. Assim como Ponciá, os africanos escravizados acometidos do “banzo” podiam ser lidos por “lesos”, estavam perdidos no tempo¹⁰. Ora, como constata Ponciá ao retornar à Vila Vicêncio, desde aqueles tempos [em que os negros alforriados “ganharam” aquelas terras] “Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento” (EVARISTO, 2003, p. 48). Assim, Ponciá também não acha “gosto na vida normal” – “feito morta-viva, vivia”. A “vida normal” de que fala Freyre, é a vida escrava, de seres humanos de quem foram retirados todos os direitos humanos básicos, sujeitos transformados em mercadoria, um corpo de onde se extrai lucro absoluto, primeiro dos sujeitos raciais¹¹, segundo MBEMBE (2015). A “vida normal”

¹⁰ “O homem de Ponciá Vicêncio começou a achar que a mulher estava ficando doente. Impossível tanta lerdeza, tanta inanição em quem era tão ativa. Era verdade que, desde os primeiros tempos que a conheceu, ela, às vezes já ficava assim, meio paradona. Parecia que ela fugia dela, mas quando retornava, chegava ativa como sempre, agora não. As ausências, além de mais constantes, deixavam Ponciá durante muito tempo fora de si. Passava horas e horas na janela a olhar o tempo com um olhar vazio” (EVARISTO, 2003, p. 96).

¹¹ Segundo Mbembe (2018) o sujeito racial é uma construção ligada à história do capitalismo. Trata-se da criação da “raça” humana que, apesar de comprovadamente não existir na biologia, produz efeitos até hoje. Sujeitos designados como “sujeitos raciais” (os negros) são aqueles cuja forma de representação serviu e continua servindo à expropriação de humanidade básica, a toda forma de sofrimentos, ao genocídio, aqueles a quem, segundo Foucault, o Estado deixa morrer (FOUCAULT, 2002, p. 304)

de que fala Freyre, é aquela que se repete até os dias atuais, cujos corpos continuam a ser explorados por corpos brancos, cujos sonhos se esvaem, relegados à uma vida desumana, como a vida de Ponciá:

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer o dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se todo o dia. Ela acreditava que poderia traçar os caminhos, inventar uma vida nova. E avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria ao povoado. Nem tempo de se despedir do irmão teve. E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava-se se valera a pena ter deixado a sua terra. (EVARISTO, 2003, P. 33)

Ponciá se pergunta se valera a pena ter saído de Vila Vicêncio, pois os sonhos que tivera de ter uma vida mais digna não se fizeram verdade, o que conseguira ao sair do povoado em que nascera foi “Um barraco no morro. Um ir e vir para a casa das patroas. Umas sobras de roupas e de alimento para compensar o salário que não bastava” (EVARISTO, 2003, p. 49). Ponciá se percebe como “farrapo humano”: “aquilo que, a despeito de apresentar aqui e ali uma aparência humana, está tão desfigurado que se encontra, ao mesmo tempo, no aquém e no cerne do humano. É o infra-humano.” (MBEMBE, 2018, p. 237). O ser humano, ainda que como “farrapo”, tem vontade, desejo, segundo Mbembe. Se recusa “a morrer de uma morte indesejada” (MBEMBE, 2018, p. 238). Portanto, como forma de sobrevivência e (re)existência, Ponciá acolhe-se nos estados de ausência, no vazio, no estado de espírito do banzo. Importante dizer que Banzo, aqui, não está sendo pensado apenas como uma tristeza profunda ou saudade de África. Trata-se do banzo, conforme definido por Davi Nunes:

O banzo não é melancolia, talvez seja como nos demonstra o poema de Cruz e Souza, “Tristeza do infinito”, é uma ação de suspensão objetiva de uma existência atroz. Não era/é necessariamente o fim da vida, mas a manutenção de um estado de alma que não lhe fazia funcionar para uma estrutura de opressão. Um exemplo nítido disso é a loucura, enlouquecer na escravização minava a ordem, o louco era fogo ensandecido mesmo que fosse para a morte. [...] O banzo perpassa a história dos negros da diáspora, é um sentimento poderoso que implode e explode. Algumas explosões são arte heroica: o jazz, chorinho, blues e rap, outras são implosões a se perderem no buraco negro e plácido da existência, numa escuridão boa, consoladora, ancestral, ou mesmo no grito solitário de desespero e morte. O banzo hoje é a cobra de vidro, o racismo, que invade o cérebro e explode em traumas a cabeça do intelectual negro(a) que já pensa em ir para Aruanda; é a mãe com o olhar perdido, pois teve seus dois

filhos assassinados pelos gambes com mandíbulas espumantes em sangue. (NUNES, 2008)

O banzo em Ponciá, caracterizado pelas sensações de vazio, são as horas de olhar perdido na janela, as lembranças dos sete filhos mortos, do seu pai e irmão explorados e ausentes, é a falta de afeto, a distância de sua família, a violência patriarcal de seu marido. O vazio é implosão, fenda, buraco, onde ela acolhe-se na ancestralidade, num tempo outro, resiste ao tempo que tenta escraviza-la:

O banzo, assim, é fim para o começo, embate mentalista introspectivo que move o mutuê, a cabeça, para uma dignidade existencial que se estende além da vida – a ancestralidade. Por isso é força angustiante, uma instância desesperadora, uma dor insubmissa às opressões. (NUNES, 2008)

O vazio de Ponciá é o banzo pensado por Nunes, é “dor insubmissa”, (re)existência. O banzo é uma “acontecência”, e o sujeito vive “apesar de”, como cantado no poema de Conceição Evaristo (2017): “[...] Apesar de.../ uma fé há de nos afiançar/ de que, mesmo estando nós/ entre rochas, não haverá pedra/ a nos entupir o caminho.” (EVARISTO, 2017, p. 119). As pedras nunca entupiram o caminho de Ponciá. “Apesar das acontecências do banzo”¹², ela encheu-se de esperança e tentou traçar um novo destino. Quando os sonhos se desfizeram, ela acolheu-se no vazio do banzo e, (re)existindo, ainda na tentativa de “tornar-se outra”, voltou à água, torna-se ela própria água ancestral, água que arrasta as pedras, flui, desentope, passa “apesar de...” e por qualquer pedra.

É o vazio que leva Ponciá a reviver no movimento ininterrupto das águas do rio. Ao fim da narrativa, com o útero vazio de filhos, mas prenhe de lembranças de seus antepassados, portadora da herança de Vô Vicêncio, Ponciá torna-se devir aquático – devir-rio: “Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio”. (EVARISTO, 2003, p. 128). O *devir-rio* de Ponciá pode ser lido como *devir-louco* - como o vazio-desejante de um corpo-sem-órgãos. Ponciá, ao fim da narrativa assume um corpo esquizo, aquele que conserva o seu caráter fluído e deslizante, segundo Deleuze e Guatarri (2004). Esse corpo, sendo devir, não tem forma – é pura memória e

¹² Título do poema de Conceição Evaristo citado, publicado no livro “Poemas de recordação e outros movimentos” (2017).

resistência a toda opressão. Conceição Evaristo, com sua escrevivência¹³, faz o que propõem Deleuze, ao caracterizar a literatura como “enunciação coletiva de um povo menor” [...] não um povo “chamado a dominar o mundo. É um povo menor, eternamente menor, tomado num devir-revolucionário” (DELEUZE, 1997, p. 14).

REFERÊNCIAS

BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. MAIO, Marcos (Org). São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.

DELEUZE, Gilles. GUATARRI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo esquizofrenia**. Tradução Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: **Crítica e Clínica**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DERRIDA, Jacques. **De que amanhã: diálogo Jacques Derrida & Elizabeth Roudinesco**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p. 9-46.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

_____. **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: XI SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA/II SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA, 2005, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/search/label/apresentacao> Acesso em: 31 ago. 2018.

_____. Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. Entrevista a Djamila Ribeiro. In: **Revista Carta Capital**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d>>. Publicado em: 13 de maio de 2017. Acesso em: 28 de

_____. Eu-mulher. In: **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

_____. Apesar das acontecências do banzo. In: **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, Franz. **Pele Negra, máscaras brancas**. Tradução Renato de Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

¹³ Conceito cunhado por Conceição Evaristo para falar dessa escrita negra que tem como origem: “os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias”. Escrita feita a partir das vivências o corpo e que é insubmissa: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. (EVARISTO, 2005).

FOCAULT, Michel. Aula de 17/03/1976. In: **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 285-315.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala (1933)**. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do IPHAN**, Rio de Janeiro, v. Cidadania, n 24, 1996. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan&pagfis=8697>. Acesso em: 28 de outubro de 2018.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) **Identidade de diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MANCE, Euclides André. Filosofia Africana – Autenticidade e Libertação. In: KAJIBANGA, V.; MANCE, E.; OVEILEIRA, R. **O que é Filosofia Africana?** Lisboa: Escolar Editora, 2015.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições. 2018.

NATÁLIA, Livia. Riografias. In: **Correntezas e outros estudos marinhos**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2015.

_____. Anatomia. In: **Correntezas e outros estudos marinhos**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2015.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Cor e inconsciente. In: **O racismo e o negro no Brasil: Questões para a psicanálise**. KON, Noemi; ABUD, Cristiane; SILVA, Maria. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NUNES. Davi. **Banzo: Um estado de espírito negro**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/banzo-um-estado-de-espírito-negro/>. Publicado em: 30 de abril de 2018. Acesso em: 22 de outubro de 2018.

OLIVEIRA, Ana Ximenes Gomes de. **Fêmea-matriz: a maternidade em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**. 2015. 123f. Dissertação (Mestrado em Letras)-UFPB/CCHLA.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão Africana no Brasil: Elementos para uma Filosofia Afrodescendente**. Disponível em: <https://aprendendocomarte.org.br/wp-content/uploads/2017/12/OLIVEIRA-Eduardo-David-de-Cosmovis%C3%A3o-Africana-no-Brasil.pdf>. Publicado em 30 de junho de 2005. Acesso em: 22 de outubro de 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983. Coleção Tendências (v. 4).

REIS, Isabel Cristina Ferreira. **A família no tempo da escravidão**: Bahia, 1850-1888. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n], 2007.

VASCONCELOS, Vania. **No colo da labás**: maternidade, raça e gênero em escritoras afro-brasileiras. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2015.